

DOI: 10.46943/IV.CONBRALE.2022.01.023

A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

ANA ISABEL DE SOUZA LEMOS ARAÚJO¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo realizado com a turma do 1º ano do ensino fundamental. Após o retorno às escolas por conta da pandemia da Covid-19, os processos de alfabetização e letramento se retornaram ainda mais desafiadores, levando em conta que muitas crianças não foram matriculadas na educação infantil durante a interrupção das aulas presenciais. Nosso trabalho utilizou as teorias de Ferreiro, Teberosky, Morais, Solé e alguns documentos legais direcionados a primeira etapa da educação, para mostrar como se dá os processos de alfabetização e letramento, algumas diferenças que existem entre eles e a utilização de estratégias e ferramentas para que ambos se consolidem, bem como a importância da rotina para que as crianças se adaptem melhor ao ambiente escolar após o retorno presencial. Um trabalho efetivo em que a criança é colocada no centro do planejamento apresenta ótimos resultados em seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Rotina.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É professora efetiva em um município da região metropolitana de Fortaleza, trabalha na educação básica desde o ano de 2013 e atualmente é lotada na sala do 1º ano do ensino fundamental. É aluna de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF/UNILAB-IFCE). E-mail: aisabelslaraujo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Alfabetização e letramento são termos utilizados com frequência no ambiente escolar, sobretudo nos grupos de professores que trabalham diretamente com a alfabetização dos alunos. Mas, afinal, o que é alfabetização? O que é letramento? É a mesma coisa ou são processos diferentes? É comum nos depararmos com essas perguntas e como seus conceitos ainda geram dúvidas e conflitos à escola. Traremos aqui uma breve explicação sobre alfabetização e letramento e algumas de suas características.

Alfabetização é o processo de apropriação para a prática da leitura e da escrita, as habilidades necessárias como a direção da escrita na folha que deve ser de cima para baixo e da esquerda para a direita, bem como o domínio das normas ortográficas e o devido uso de materiais que utilizamos para realizar a escrita, como por exemplo o lápis e a borracha.

Letramento é a competência de utilizar a escrita nas práticas sociais, ler e escrever para interagir socialmente, produzir e interpretar diversos gêneros textuais que estão dentro e fora na escola, que fazem parte do dia a dia de todos nós que vivemos em sociedade e somos cercados pelos diversos tipos de texto como outdoors, propagandas em pontos de ônibus, folder, panfletos, enfim, temos uma diversidade textual que circula nossa sociedade e é fundamental que compreendamos suas características e suas funções sociais.

Alfabetização e letramento são práticas que apresentam suas características próprias, porém, indissociáveis, aprender a ler e a escrever consiste em interpretar e compreender a realidade a qual está inserida e o espaço que ocupa no mundo. Alfabetizar e letrar são capacidades que não podem ser pensadas separadamente, pretender alfabetizar pensando que juntar as letras para formar sílabas e posteriormente palavras é suficiente, é tirar dos estudantes um direito de aprendizagem, alfabetizar com a leitura pela leitura em que o aprendiz pode ler/decodificar, até com facilidade, mas apresenta dificuldades em compreender o que acabou de decodificar, tal atitude compromete o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização, pois o estudante que chega na escola não é como uma tábula rasa, embora esta ideia tenha sido ratificada durante muitos anos, pelo contrário, o ser humano que chega à escola vem repleto de saberes, haja vista está inserido em um ambiente com costumes e hábitos familiares e sociais vivenciados por ele e por aqueles com quem convive, ao chegar na escola este ser humano vai aprender muitas coisas e se desenvolver, isto é fato, mas também terá muito a contribuir para o aprendizado dos que ali estiverem.

Para que a alfabetização e o letramento ocorram simultaneamente é preciso que compreendamos, segundo SOARES,

os processos de aprendizagem do sistema alfabético de escrita, que envolvem habilidades cognitivas e linguísticas necessárias à apropriação de um objeto de conhecimento específico, um sistema de representação abstrato e bastante complexo; os processos de aprendizagem da leitura e da produção textual, que envolvem habilidades cognitivas e linguísticas necessárias à aquisição de objetos de conhecimento específicos – as competências de leitura e interpretação e de produção de textos, em diferentes situações que envolvem a língua escrita – eventos de letramento. (2020, p. 38)

O professor alfabetizador precisa considerar todos os saberes trazidos por seus alunos, tudo o que eles fazem, um traço que é escrito, as garatujas, as letras aleatórias, toda a produção realizada pelos alunos precisa ser observada e devidamente analisada. Conhecer os níveis de escrita é fundamental para acompanhar individualmente cada um dos estudantes e perceber as dificuldades que eles trazem. Realizar periodicamente a psicogêneses da escrita, termos denominado por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, o que comumente chamamos de sondagem da leitura e da escrita com as crianças é de grande valia para definir estratégias e métodos de ensino que objetivem o desenvolvimento dos alunos.

Antes de ingressar na escola a criança traz consigo suas observações e reflexões acerca dos ambientes em que a leitura e a escrita predominam, ela percebe que a fala, a oralidade é a forma mais utilizada para a comunicação e que, embora ainda não consiga ler, ela vê o quanto a escrita é presente socialmente. As interações vivenciadas pela criança contribuem para o seu desenvolvimento social e cultural, pois ao interagir com o outro acontece o aprendizado e o fortalecimento de saberes. Nós falamos e ouvimos, a escrita é a oralidade de forma visível. Ressaltamos a importância de considerar e valorizar os conhecimentos trazidos pelas crianças.

Realizar o acompanhamento periódico com as crianças faz muita diferença no decorrer do processo de ensino, quando tomamos conhecimento do nível de leitura e escrita de cada estudante, podemos traçar estratégias para que ocorra o avanço e pensar em atividades que oportunizem este avanço acontecer. O professor alfabetizador deve estar atento a esses detalhes, observar seus estudantes e fazer anotações acerca de

seus desenvolvimentos e das dificuldades que aparecem no trajeto da aprendizagem.

Quando a sondagem é realizada nos deparamos com variados tipos de escrita, segundo Ferreiro e Teberosky temos os níveis de escrita: pré-silábico, quando o aluno escreve garatujas e para ele aquela escrita representa palavras que podem ser lidas, outro exemplo é quando para qualquer palavra o aluno utiliza o mesmo repertório de letras, por exemplo, se o estudante se chama JOSÉ SOUZA, ele utilizará para qualquer palavra que lhe for dita este repertório de letras. No nível silábico o estudante, geralmente, escreve para cada sílaba uma letra que pode ser sem valor sonoro, como por exemplo, se lhe for solicitado que escreva BONECA ele pode escrever VRH e afirmar que esta escrita representa boneca, este é o nível silábico sem valor sonoro, já o nível silábico com valor sonoro o aluno escreve uma letra para cada sílaba, letras que existem na palavra, por exemplo, para BONECA pode escrever BNC, OEA, BNK, alguns exemplos para que possamos compreender melhor. No nível silábico alfabético o estudante escreve palavras incompletas, mas que considera completas, por exemplo, para boneca pode escrever: BOECA. No nível alfabético o estudante escreve as palavras em sua totalidade. Conhecer em qual nível o aluno está é fundamental para potencializar seu avanço.

É POSSÍVEL ALFABETIZAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, atende as crianças de zero a cinco anos, é composta pela creche, que compreende as crianças de zero a três anos, e a pré-escola, que são as crianças de quatro e cinco anos. A educação infantil deve ser orientada pelos documentos legais, alguns deles são: os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esses documentos norteiam o trabalho que deve ser desenvolvido no decorrer dessa primeira etapa da educação. A BNCC nos traz os direitos de aprendizagem que deverão ser desenvolvidos a partir da educação infantil, são eles: Conviver, Brincar, Participar, Expressar, Conhecer-se e Explorar. Considerando que a criança traz conhecimentos para a escola e ao mesmo tempo está em construção, os direitos de aprendizagem potencializam o processo de ensino.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se

apropriada do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BNCC, 2017)

A educação infantil possui dois eixos norteadores: as interações e as brincadeiras, a partir deles e das demais orientações curriculares podem ser desenvolvidas atividades a fim de que as crianças se apropriem do sistema de escrita alfabética, pois encontramos alunos que trazem consigo hipóteses acerca da escrita, compreendem que as letras são utilizadas para fazer o registro de palavras, inclusive nos deparamos com crianças que perguntam quais letras são necessárias para que possam escrever determinadas palavras. A escola não pode desconsiderar essas aprendizagens trazidas pelas crianças da educação infantil e de nenhuma etapa da educação, pelo contrário, precisa utilizá-las nos planejamentos, na forma de organização das aulas e das estratégias que serão utilizadas.

As crianças quando têm a oportunidade de estudarem na educação infantil são imersas no mundo da imaginação, do faz de conta, no reconto da história, em suas expressões, no explorar o mundo físico e social, todas estas ações despertam a curiosidade, o querer se apropriar de conceitos, saber mais sobre o que vê, o que é natural, a escola precisa aproveitar todos os conhecimentos e potencializá-los, jamais desperdiçá-los ou desvalorizá-los.

Alfabetizar na educação infantil é oportunizar o desenvolvimento das crianças. Durante a roda de história ações como apresentar os nomes dos personagens que a englobam, suas características, fazer comparações, observar a escrita dos nomes dos colegas, escritas presentes em cartazes ou painéis que podem estar expostos na sala ou nos demais ambientes da escola, é colaborar para o processo de aquisição da escrita, de forma mediada, pois a mediação do professor no ensino é essencial, uma mediação com leveza, com tranquilidade, sem as exigências e pressões que muitas vezes acontecem no ensino fundamental, é favorecer que a criança vivencie o que já observa a sua volta.

Ao realizarmos atividades com os variados gêneros textuais que fazem parte da vida das crianças, estamos concretizando a teoria, se falamos de receita podemos levar para a aula uma receita mesmo que simples de como se faz pipoca, um suco, um brigadeiro branco, enfim, algo que

as crianças vejam como faz e façam juntos, quando concretizamos aquilo que falamos a possibilidade de assimilação daquilo que está sendo estudado é enorme, pois a prática colabora para o processo de ensino e as crianças têm necessidade de tornar concreto o que estão estudando, trazendo para o seu dia a dia, para a sua rotina, dessa forma se favorece o processo de ensino.

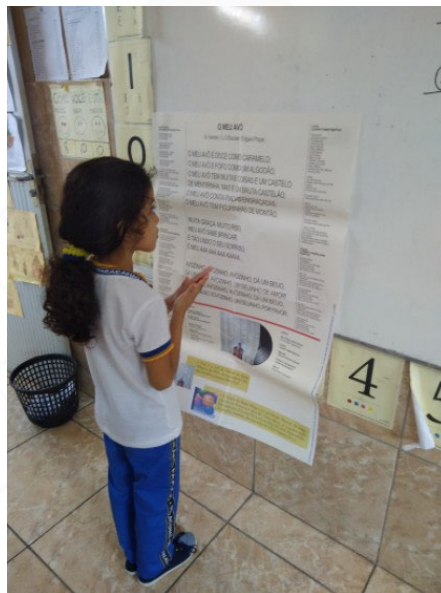
A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento. A seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com os diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários etc, são os modelos que se pode oferecer às crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever. (BRASIL, 1998).

Trabalhar com gêneros textuais contribui para que as crianças conheçam a função social deles e o identifiquem onde o encontrarem. Saber que uma receita ensina a fazer um alimento, saber que no jornal encontramos notícias, produtos de compra e venda, saber que é importante fazer uma lista para quando formos ao supermercado ou realizar outras compras, tudo isto é a função social dos gêneros que circulam constantemente no nosso meio.

Instigar, motivar, provocar as crianças na educação infantil com o intuito de que possam exercer os direitos de aprendizagem previstos na BNCC, que elas brinquem de forma livre e direcionada, explorando os brinquedos, conhecendo e inventando novas brincadeiras, expressando-se de forma natural e espontânea diante de tudo o que lhe é apresentado e que consegue construir, convivendo com adultos e crianças no ambiente escolar de forma a participar das situações de ensino e aprendizagem e das experiências realizadas. Ao conviver com tudo isso, a criança, sobretudo da pré-escola, inicia a consciência fonológica que, entre muitas definições, podemos tratar aqui como a percepção dos sons das palavras que ouvimos e falamos, observar que o que falamos apresenta uma estrutura escrita, quando reconhecemos que as crianças, ainda na educação infantil, são capazes de desenvolver a consciência fonológica, realizamos um trabalho intencional para que este desenvolvimento seja ainda mais potencializado.

Alguns textos são adequados para o trabalho com a linguagem escrita nessa faixa etária, como, por exemplo, receitas culinárias; regras de jogos; textos impressos em embalagens, rótulos, anúncios, slogans, cartazes, folhetos; cartas, bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal, etc.); convites; diários (pessoais, das crianças da sala etc); histórias em quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis; parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas e trava-línguas; contos (de fadas, de assombração etc); mitos, lendas, “causos” populares e fábulas; relatos históricos; textos de enciclopédia etc. (BRASIL. 1998).

Os RCNEI já nos trazem um leque de opções que podem ser planejadas para as aulas, as crianças se sentem contempladas quando lhes oportunizamos aulas ricas, com ferramentas diferenciadas, atividades lúdicas e prazerosas e acima de tudo oferecendo conteúdos que fazem parte do dia a dia delas, que estão dentro da sua rotina, ao terem acesso aos gêneros textuais as crianças se apropriam da função social que eles apresentam na sociedade e passam a fazer o uso adequado. Alfabetizar na educação infantil, não só é possível como é um processo que acontece naturalmente, mesmo que as crianças não concluam esta etapa da educação sendo consideradas leitoras fluentes, muito elas aprendem para que no ensino fundamental possa ser desenvolvido com afinco e obedecendo ao currículo de orientações para a alfabetização, o importante é iniciar na educação infantil.



Temos aqui a imagem de uma criança que estudou na educação infantil. Nesta imagem ela realiza a leitura de um cartaz que está exposto na sala, que fora trabalhado pela professora. É o cartaz de uma canção. Esta criança chegou à escola realizando a leitura de palavras com sílabas simples, aquelas que em sua estrutura apresenta consoante e vogal. Hoje ela é leitora de textos.

O professor alfabetizador

O professor alfabetizador deve apresentar um olhar sensível para com seus alunos, pois o processo de alfabetização é desafiador e árduo em muitos momentos, uma postura humanizadora, buscar parcerias no ambiente escolar e familiar, embora, muitas vezes, estas parcerias não ocorram, é importante salientar que nem todas as crianças são acompanhadas por suas famílias como deveriam ser e nem todas as escolas apresentam acompanhamento pedagógico adequado. A postura do professor deve ser a de desejar o avanço de seus alunos, em todas as etapas da educação, mas no processo de alfabetização este desejo deve ser ainda mais intensificado, pois quando falamos de processo de alfabetização das crianças, elas apresentam pouca ou nenhuma autonomia, o que pode comprometer seu aprendizado, estando o professor atento àqueles que mais necessitam.

A fim de desenvolver a autonomia de seus estudantes o professor deve buscar estratégias que favoreçam este avanço, em atividades do dia a dia da sala de aula, estimular a colaboração em rodas de conversa, rodas de história, instigar que aqueles que são mais tímidos externem suas opiniões, adotar o ajudante do dia, que é uma ação que proporciona que os colegas colaborem para o andamento da aula. Quando nos deparamos com professores que se identificam com a alfabetização, dificilmente os alunos não irão se desenvolver. É importante dizer que o professor alfabetizador está em constante formação, busca se atualizar das novas estratégias, novos métodos de ensino e ações previstas para esta etapa.

Embora o trabalho de alfabetizar e letrar tenha seus desafios, os professores responsáveis por esta etapa da educação precisam transformar este momento em situações leves, na medida do possível, tornar as aulas prazerosas, buscando métodos de ensino diversificados. Libâneo nos diz que diversificar os métodos de ensino é importante no processo de aprendizagem, perceber aqueles que melhor se adéquam à turma e retirar aqueles que não funcionam. Ser afetuoso com seus estudantes, quando o aluno tem carinho por seu professor, ele tende também a gostar

daquilo que seu professor propõe, a afetividade é essencial no processo de aprendizagem. Compreender que a criança tem seu tempo, tem suas limitações, perceber que as crianças são diferentes em seu processo de aprendizagem, colaborar para o desenvolvimento da autonomia.

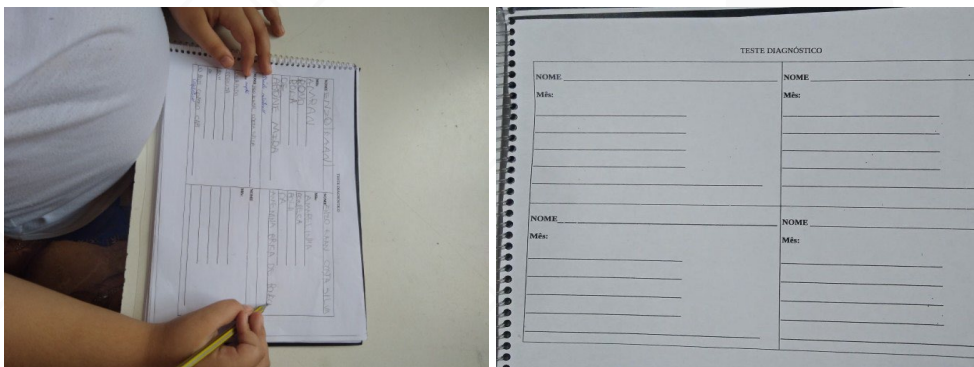
METODOLOGIA

A metodologia utilizada por nós foi o acompanhamento através de observações e intervenções de uma turma que está no processo de alfabetização e letramento em um município da região metropolitana de Fortaleza. As observações realizadas por nós foram planejadas a partir dos momentos propostos na realização das atividades, sendo elas direcionadas, quando há a orientação da professora, ou livres, quando as crianças apresentam a iniciativa em pegar um livro para foliar ou ler, e na postura das crianças diante dos materiais dispostos na sala de aula. Acreditamos que para uma pesquisa que conta com a observação é importante “um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador”, (LÜDKE e ANDRÉ, 2014, p. 27)

A presente pesquisa mostra o acompanhamento realizado no ano corrente com a turma do 1º ano de uma escola pública localizada na região metropolitana de Fortaleza. Vamos descrever como é a nossa rotina e os avanços alcançados a partir da aplicação dos testes desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky, e que utilizamos no decorrer da pesquisa, testes também conhecido como psicogênese da escrita. Como já mencionamos, é importante que o processo de alfabetização e letramento seja iniciado ainda na educação infantil, mas se recebemos crianças que não passaram por esta etapa, precisamos nos atentar para desenvolver com elas estratégias diferenciadas, Morais nos diz:

O primeiro ano do ciclo de alfabetização continua sendo uma etapa em que a maioria das crianças precisa ser ajudada a desenvolver habilidades metafonológicas que participam do complexo processo de apropriação da escrita alfabética, quando, como demonstrou a teoria da psicogênese, avançam em suas hipóteses sobre *o quê* a escrita nota e *como* ela cria notações. Se ainda temos, no primeiro ano, alunos com hipóteses de escrita pré-silábicas ou silábicas, precisamos ajudá-los a analisar as partes orais das palavras, para que avancem nas questões conceituais que lhes permitirão progredir na compreensão das relações entre partes orais e partes escritas e entre todos orais e todos escritos. (2022, p. 134).

O autor menciona a pesquisa realizada por Ferreiro e Teberosky e que, a partir dela surgiu o que conhecemos como a psicogênese da escrita, esta pesquisa pautou nossa pesquisa, pois a estratégia desenvolvida pelas autoras para avaliar as crianças nos serviu como instrumental de avaliação, o teste das quatro palavras e uma frase, como também é conhecida esta estratégia, é realizado bimestralmente por nós para fins de acompanhamento a nível municipal pela secretaria de educação e por nós.



As imagens acima apresentam, do lado esquerdo uma criança realizando o teste das quatro palavras e uma frase no final de setembro, esta criança em seu primeiro teste apresentou o nível de escrita silábico, identificava entre onze e vinte letras do alfabeto e não escrevia seu nome completo. Hoje ela é leitora de frases e na escrita encontra-se no nível alfabético. No lado direito temos o modelo do teste disponibilizado pela secretaria de educação e que nos orienta em nossas aplicações. No município existe um sistema de gestão escolar que é alimentado pelas professoras com os resultados dos testes periodicamente realizados.

A turma pesquisada conta com 21 crianças, sendo 10 meninas e 11 meninos, com idades entre 6 e 7 anos. Ao longo do trabalho adicionaremos os gráficos que mostram a evolução da turma sobre os níveis de escrita. Realizamos os testes de leitura e escrita com as crianças, os gráficos irão mostrar o que compete à escrita. Sobre a leitura descreveremos no decorrer do texto.

A turma iniciou o ano com 25 crianças matriculadas, porém, já no início do ano letivo algumas crianças foram transferidas para outras instituições. Alguns pais relataram que a retirada de algumas das crianças se deu porque a distância da escola até suas casas era longa e que devido a rotina das famílias se tornou complicado os momentos de buscar e deixar as crianças na escola, o que estava gerando o não comparecimento destas crianças na escola. A turma ficou com 21 crianças, que são as que

serão apresentadas nesta pesquisa. No segundo semestre deste ano recebemos uma aluna, mas ela não entrará na pesquisa porque chegou recentemente à escola e pouco frequentou às aulas.

Levando em consideração que o ano de 2022 é o retorno às escolas após a interrupção causada pela pandemia da Covid-19, pois mesmo retornando ao final do ano de 2021, muitas crianças só retornaram para o ambiente escolar no ano de 2022, inclusive algumas crianças não foram matriculadas no ano de 2021 ficando totalmente fora da escola e, conseqüentemente, sem realizar atividades que colaborassem para que houvesse algum avanço no processo de ensino e aprendizagem. Recebendo as crianças no 1º ano do ensino fundamental percebemos notoriamente aquelas que cursaram, mesmo que de forma remota, a educação infantil e aquelas que não o fizeram. A educação infantil é fundamental para o processo de desenvolvimento das crianças, para o seu comportamento, sua postura na sala de aula, sua autonomia, enfim, o quanto a criança se desenvolve cursando a creche e a pré-escola, o pegar no lápis, na borracha, o quanto ela compreende a direção da escrita que deve ocorrer de cima para baixo e da esquerda para a direita. Ressaltamos aqui a importância dos pais matricularem suas crianças na educação infantil, a obrigatoriedade trazida pela Emenda Constitucional 59/2009 é fundamental para que as crianças tenham o acesso desde pequenas a educação.

Vamos relatar como é a nossa rotina na sala de aula, as atividades realizadas e as mudanças que ocorreram no decorrer do ano. Quando chegaram à escola, como de costume, fizemos a apresentação em que cada um fala seu nome, se mora perto da escola, se já era aluno ou está chegando. Na medida em que as crianças realizavam a apresentação, escrevíamos no quadro seus nomes, após todas dizerem seus nomes, observávamos aquelas que apresentam dois nomes, como por exemplo: Ana Sophia e as que tinham apenas um, como Bárbara. Esse detalhe já nos trazia uma discussão com algumas perguntas: Quem escolheu seu nome? Por que você tem dois nomes? Qual o nome que você quer ser chamada? Já partíamos para uma roda de conversa sobre o assunto daquele momento. Depois desta atividade da escrita dos nomes na lousa e da comparação entre eles, fazíamos a leitura das letras que compunham cada um dos nomes, contávamos a quantidade de letras fazendo o registro ao lado de cada nome. Trabalhar a escrita a partir dos nomes das crianças é trabalhar suas identidades, conhecê-las, como nos diz Ferreiro e Teberosky (1999, p. 221) “o nome próprio como modelo de escrita, como a primeira forma escrita dotada de estabilidade, como o protótipo de toda escrita

posterior, em muitos casos, cumpre uma função muito especial na psicogênese que estudamos”. As autoras afirmam que o trabalho com o nome ocupa uma função muito especial, a criança vê as letras que compõem seu nome e se identifica nelas. Realizamos esta prática durante o primeiro mês letivo e concomitante a esta prática, as crianças tinham o hábito de escreverem seus nomes completos ao final da escrita da agenda, que é outra atividade que detalharemos mais adiante. Trabalhar a escrita do nome é fundamental para que as crianças se apropriem desta escrita e de como seus nomes são escritos, pois a maioria delas não escrevia se quer seu primeiro nome e nem conseguia identificá-lo quando lhe apresentávamos a ficha com ele escrito. Quando apresentamos a escrita dos nomes das crianças da turma de forma coletiva, a criança se apropria da escrita do seu nome, consegue identificá-lo e identificar os nomes dos colegas.

A escrita diária da agenda acontece da seguinte forma, escrevemos a palavra agenda e a data ao lado da palavra, descrevemos de forma simples e direta o que faremos em classe e em casa, por exemplo: classe: caderno; casa: livro p. 13. Como as crianças estão no processo de aquisição e compreensão do sistema de escrita alfabética todas as nossas escritas são feitas com a letra bastão, ou letra em caixa alta, como também é conhecida. Embaixo da escrita da agenda as crianças fazem o registro do nome completo.



Acima temos o registro de uma foto da agenda, a estrutura a qual estamos habituados a fazer ultimamente, escrevemos a palavra agenda

e ao lado a data, abaixo as descrições das tarefas de classe e de casa e abaixo destas descrições, as palavras que foram retiradas e ditas pelas crianças no momento em que conversamos sobre a história lida. Nesse dia escrevemos os nomes de alguns dos personagens que apareceram na história. À direita temos uma atividade com um jogo de sílabas em que as crianças devem formar palavras, elas amam realizar esta atividade.

Fazemos leitura diariamente. No começo do ano como nós líamos as letras do alfabeto contidas nos nomes das crianças, escrevíamos na lousa outras palavras cujos nomes começavam com as letras iniciais dos nomes das crianças, desta forma outras palavras eram registradas e as crianças tinham acesso a sua escrita. Fazíamos registros com campos semânticos, como por exemplo os nomes das frutas preferidas das crianças, nomes de brinquedos e brincadeiras, lista dos meses do ano, partes do corpo, sempre realizando a leitura das palavras e fazendo a identificação das letras que as compõem e a quantidade de sílabas. Hoje a nossa leitura diária é sobre a história lida. É escolhida uma história para ser lida, após a leitura conversamos sobre o enredo da história, o que mais interessou as crianças e sobre o que querem falar, apresentamos o(a) autor(a) e o(a) ilustrador(a). Escrevemos entre cinco e dez palavras retiradas da história, estas palavras são registradas na agenda para que as crianças se apropriem de sua escrita, geralmente são palavras associadas com o que as crianças falam sobre a história. Fazemos leitura de frases da história, as frases são escritas na lousa, nós fazemos a leitura e as crianças identificam algumas palavras que estão nas frases. O hábito da escrita da agenda faz com que as crianças se apropriem, também, do calendário, quando vamos fazer o registro da agenda do dia, muitas delas já registram o dia tomando como base a data do dia anterior e se expressam dizendo: “tia, hoje é dia onze do nove de dois mil e vinte dois, 11/09/2022”.

Em seguida ao momento de leitura realizamos as atividades do livro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), Todas as turmas do município pesquisado contam com duas professoras que são responsáveis pela turma, a que é chamada de P1, professora 1, é responsável pelas disciplinas de português, arte, história, geografia, ensino religioso e educação física. A professora 2, P2, é responsável pelas disciplinas de matemática e ciências. No nosso caso somos a professora P1 e trabalhamos a leitura e a escrita em todas as disciplinas, não importa qual seja o conteúdo que será explanado, a leitura e a escrita estão dentro da rotina de todas as aulas propostas. No momento da atividade do livro, geralmente, tem textos, sejam eles cantigas de roda, parlendas, quadrinhas, contos acumulativos, enfim, estes foram alguns textos estudados por nós no decorrer deste

ano. Os textos são escritos no quadro ou colocados em cartazes para observarmos a forma na qual são escritos e como estão organizados. É interessante esta prática porque as crianças quando visualizam um desses textos já opinam sobre qual deles pode ser, a quadrinha é um desses exemplos, as crianças veem uma quadrinha e conseguem identificá-la.

Geralmente iniciamos a atividade do livro antes do recreio e concluímos depois. Ao final do recreio as crianças retornam à sala e para ajudá-las a relaxarem, colocamos músicas tranquilas para que possam se acalmar e aos poucos se reorganizarem para retomarmos a atividade que fora iniciada. Paralelo as atividades escritas que são propostas, na medida do possível, fazemos atendimento individual com a turma, chamamos as crianças de uma por uma a fim de ouvir sua leitura, saber dos seus avanços e de suas dificuldades. Consideramos esse momento essencial para que possamos conhecer individualmente o avanço das crianças e pensar em diferentes estratégias de trabalho, novos métodos de ensino que precisam ser pensados.

podemos dizer que os métodos de ensino são ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico. Eles regulam as formas de interação entre ensino e aprendizagem, entre o professor e os alunos, cujo resultado é a assimilação consciente dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas dos alunos. (LIBÂNEO, 1994, p. 152)

O atendimento individual é exatamente para traçarmos as devidas estratégias para que o processo de ensino e aprendizagem continue acontecendo efetivamente com os devidos ajustes que são necessários, considerando que as crianças não aprendem todas ao mesmo tempo e portanto algumas exigem mais atenção do que outras, além de aprenderem com as professoras as crianças aprendem umas com as outras, o que torna ainda mais encantador o processo de ensino e aprendizagem, aquele que ensina é também aquele que aprende e os saberes vão se multiplicando.

Uma das atividades que realizamos e que as crianças gostam é de escrever na lousa, embora não façamos esta atividade diariamente, ela entra nas nossas estratégias de leitura e escrita. Quando solicitamos que as crianças escrevam no quadro precisamos retomar os nossos acordos do começo do ano, como o acordo que diz que precisamos esperar

nossa vez de ir, pois todas querem escrever ao mesmo tempo, até aquelas que ainda não sabem, mas o ato de escrever na lousa as deixa alegres e participativas.

Temos na sala um jogo de madeira com sílabas, oferecemos para que as crianças formem as palavras que conseguirem, elas se organizam em rodas no chão, de forma autônoma e vão formando as palavras que conseguem, conseqüentemente após formadas as palavras, as crianças realizam a leitura e vibram quando formam a palavra pretendida. O jogo das sílabas trabalha a concentração, a atenção, o senso coletivo, pois a criança que percebe a sílaba que está faltando para completar uma palavra que está sendo formada, ela pega a sílaba e leva até o colega que está precisando.

Realizamos a roda de história que consiste em organizar os livros paradidáticos em cima de uma colcha de retalhos, ao redor da colcha ficamos sentados e escolhemos histórias de forma livre, as crianças trocam as histórias entre si, ou uma delas se propõe a realizar a leitura para a turma ou contar a história utilizando as imagens presentes no livro. Muitas vezes, ao realizarem essa atividade, as crianças se organizam em uma roda para observarem um dos colegas contando-lhes a história, a criança que o faz procura chamar a atenção dos colegas, se eles conversam a história é parada e se espera que o silêncio e a atenção sejam retomados para que a partir daí a história possa continuar. Nessa atividade podemos observar o quanto as crianças têm os adultos como modelo, geralmente, a criança que conta a história para os demais colegas apresenta o mesmo comportamento que nós quando contamos a história.

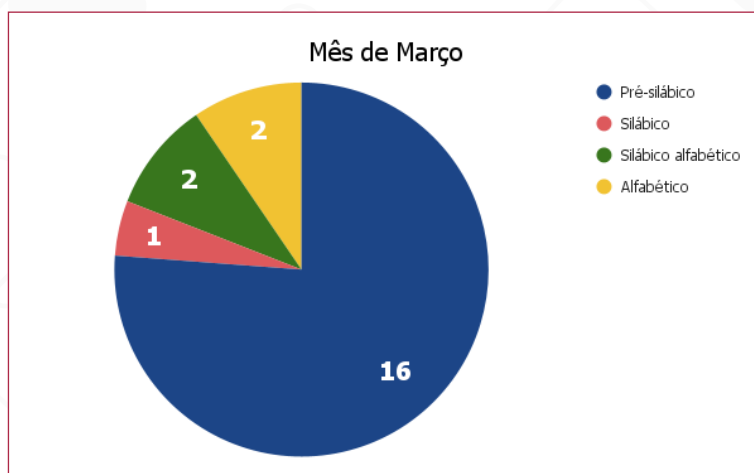
Nossa turma hoje tem a seguinte rotina: chegada à sala, tempinho de conversa livre entre os colegas, leitura da história do dia, escrita de palavras da história junto com a leitura, escrita da agenda e o registro das palavras que foram retiradas da história, atividade no livro que envolve a leitura e a escrita, uso do jogo das sílabas, da escrita na lousa e da roda de história. A partir desta rotina que vem sendo desenvolvida ao longo do ano vamos apresentar os resultados ao longo deste tempo, como as crianças chegaram à escola no começo do ano e como foram se desenvolvendo ao longo dos meses. Ressaltamos aqui a importância da rotina realizada em sala de aula, a partir dela as crianças se orientam sobre o que vamos fazer e o que iremos fazer em seguida, saber da rotina ajuda as crianças a se prepararem para as atividades que estão por vir, inclusive na organização dos materiais que utilizaremos.

Realizamos quatro testes diagnósticos sobre a leitura e a escrita da turma, o primeiro foi no começo do ano para sabermos como estão as

crianças, o que elas já sabem para que a partir deste conhecimentos prévios desenvolvermos planejamentos, afinal “a preparação de aulas é uma tarefa indispensável e, assim como o plano de ensino, deve resultar num documento escrito que servirá não só para orientar as ações do professor como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos.”(Libâneo, 1994). O planejamento é imprescindível para o trabalho docente, quando escutamos as crianças e quando fazemos a sondagem de seus conhecimentos prévios, podemos desenvolver planos de aula direcionados, com os objetivos propícios a serem alcançados pelas crianças e não pela professora, pois o plano de aula deve ser desenvolvido para a aquisição por parte da criança, ele deve ter no centro a turma na qual irá atender.

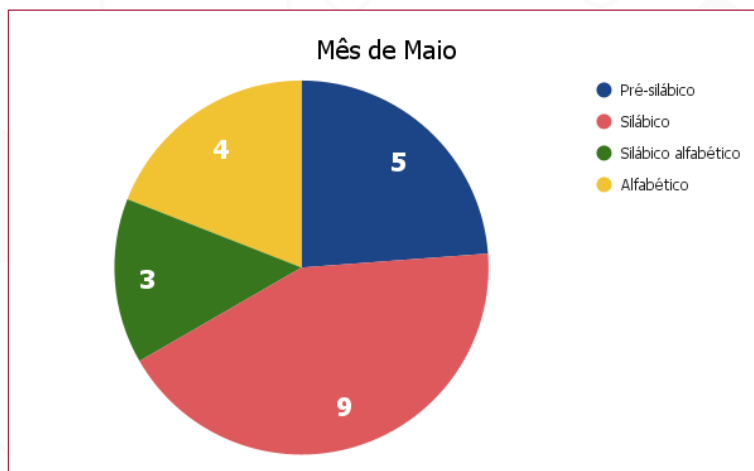
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos aqui os resultados dos testes diagnósticos realizados ao longo de sete meses de trabalho com a turma do 1º ano. Nos gráficos estão os resultados dos testes de escrita e abaixo explanamos sobre a leitura das crianças.



No gráfico acima, das crianças apresentadas nos níveis de escrita, tínhamos vinte que identificavam somente letras, sendo que duas delas identificavam menos de dez letras do alfabeto, seis identificavam entre dez e dezenove letras e doze entre vinte e vinte seis letras. As duas crianças do nível alfabético são dois meninos autistas que conseguem ler/identificar palavras, pois um deles ler, quando tem vontade, palavras que encontra pela escola, enquanto que o outro escreve quando lhe ditamos,

porém a leitura ele não realiza. Segundo sua mãe, em casa, ele lê. O teste foi realizado com as crianças logo após o retorno de uma greve realizada pela categoria dos professores, a greve ocorreu em meados do mês de fevereiro e finalizou no décimo primeiro dia do mês de março, período em que houve a realização dos testes.



O segundo gráfico nos mostra o progresso das crianças na escrita. Na leitura temos dezoito crianças que leem somente letras e três leitoras de palavras. É importante lembrarmos que leitura e escrita são processos que, embora sejam indissociáveis, são diferentes e cada criança apresenta o seu tempo de desenvolvimento. O teste foi realizado no final do mês de maio, pois o município oferece um instrumental que as professoras precisam preencher a partir da avaliação realizada com as crianças. Libâneo nos diz:

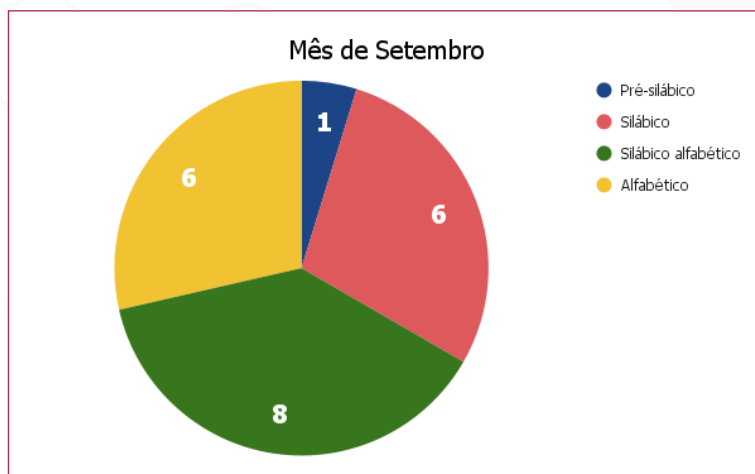
A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. (1994, p. 195).

A avaliação é fundamental para um bom desempenho do trabalho docente, pois a partir dela o professor pode ressignificar suas práticas

buscando melhorar no que não está bom e potencializar o que está funcionando.



O terceiro gráfico nos apresenta a diminuição considerável dos níveis de escrita, sobretudo do nível pré-silábico, temos aqui dezoito crianças que apresentam a consciência fonológica bem desenvolvida, já associam a leitura com a escrita, seja escrevendo uma letra para cada sílaba, palavras com apenas uma sílaba completa ou ainda palavras escritas convencionalmente. Na leitura temos sete crianças que identificam somente letras, onze crianças que já estão lendo palavras e três crianças leitoras de frases. O teste foi realizado logo após o retorno das férias, precisávamos saber como elas estavam voltando, quais as habilidades que possuíam, como estavam sua leitura e sua escrita após um mês longe da escola.



O último teste realizado por nós aconteceu no final do mês de setembro, próximo ao final do terceiro bimestre que termina na primeira semana do mês de outubro. É possível observar a evolução das crianças no processo de escrita e também no processo de leitura. Temos aqui duas crianças que identificam apenas letras, cinco crianças que leem sílabas, nove crianças que leem palavras, quatro leitoras de frases e uma leitora de texto. Esses resultados nos deixam muito felizes, pois sabemos que estamos desenvolvendo um trabalho de excelência, pois mesmo com os desafios que surgem no decorrer do caminho, as crianças estão avançando e apresentando resultados favoráveis a elas, perceber que algumas crianças que chegaram a escola que se quer reconheciam a escrita do seu nome e hoje conseguem identificar e ler palavras ou frases, nos dar a certeza de que o trabalho realizado está trilhando um bom caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar uma rotina de alfabetização não deve ser algo engessado, mas dentro das possibilidades, colocar a criança como um ser ativo no processo e não à margem dele. Os resultados alcançados demonstram que as crianças estiveram atuantes durante todo o processo e que apresentaram um bom desenvolvimento nas atividades e momentos propostos.

Após o relato do trabalho desenvolvido ao longo desses sete meses, a apresentação das atividades desenvolvidas na sala, o perfil das crianças que participaram da pesquisa e os resultados alcançados, concluímos que é importante realizar um trabalho bem estruturado e que segue uma rotina que orienta as crianças envolvidas, pois a partir do dia a dia da sala de aula, as crianças vão se acostumando com os momentos que acontecem, ficam preparadas pra estes momentos e participam com mais segurança. O trabalho de alfabetização e letramento, embora possa começar na educação infantil, no ensino fundamental é mais efetivo, exigindo dos docentes e das crianças resultados em números, ou seja, as crianças precisam apresentar um resultado considerado esperado, porém o trabalho realizado deve envolver muita paciência e estratégias inovadoras para que desta forma as crianças se sintam protagonistas no processo que é desenvolvido para elas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - Volume 3/ Conhecimento do Mundo. Brasília: MEC/ SEF, 1998:152).

CARNEIRO, M. A. BNCC fácil: decifra-me ou te devoro: 114 questões e respostas para esclarecer as rotas de implementação da BNCC. Petrópolis: Vozes, 2020.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAIS, A. G. Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SALLES, F.; FARIA, V. Diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. 2ed. São Paulo: Ática, 2012.

SOARES, M. Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. 6ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.